



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO**

**REMORSO E RESENTIMENTO TECIDOS  
EM *A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS*, DE VALTER HUGO MÃE**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2014**

ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO

**REMORSO E RESENTIMENTO TECIDOS  
EM A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, DE VALTER HUGO MÃE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para a  
conclusão do curso de Licenciatura  
em Letras pela Universidade Estadual  
da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Eli Brandão da  
Silva

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

475 Figueiredo, Annie Tarsis Morais

Remorso e ressentimento tecidos em a máquina de fazer espanhóis, de Valter Hugo Mãe [manuscrito] / Annie Tarsis Morais Figueiredo. - 2014.

33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Eli Brandão da Silva, Departamento de Letras e Artes".

1. Análise Crítica 2. Literatura 3. Filosofia 4. Interdiscursividade I. Título.

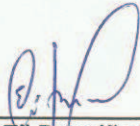
21. ed. CDD 801.95

ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO

**REMORSO E RESENTIMENTO TECIDOS  
EM A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, DE VALTER HUGO MÃE**

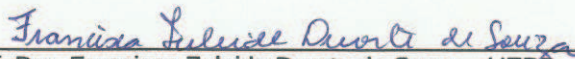
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para a  
conclusão do curso de Licenciatura em  
Letras pela Universidade Estadual da  
Paraíba.

Aprovada em: 26/02/2014



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eli Brandão da Silva - UEPB  
(Orientador)

Nota: 10,0



\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza - UEPB  
(Examinadora)

Nota: 10,0



\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Adalberto Teixeira Rodrigues - UEPB  
(Examinador)

Nota: 10,0

Média: 10,0

## REMORSO E RESSENTIMENTO TECIDOS EM *A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS*, DE VALTER HUGO MÃE

### RESUMO

FIGUEIREDO, Annie Tarsis Morais<sup>1</sup>.

O presente trabalho tem por objetivo analisar e interpretar estratos discursivos referentes às temáticas remorso e ressentimento em *A máquina de fazer espanhóis*, do escritor afro-lusitano Valter Hugo Mãe, partindo das relações que se estabelecem entre o discurso literário e o discurso filosófico, especialmente, no que se refere às questões existenciais. Buscamos compreender como esta narrativa configura tecidos que metaforizam o sentimento remorso, emoção ligada à culpa sentida pelo narrador-protagonista, Sr. Silva, personagem sobre quem nosso olhar se centra. Procuramos também interpretar a metaforização do ressentimento, sentimento recorrente não só em textos filosóficos, mas também em textos históricos e políticos. Esta análise se faz significativa tanto pela riqueza literária da obra-objeto de estudo, quanto pelo caminho hermenêutico-existencial que desdobra, fazendo vir à tona reflexões em torno de questões de natureza filosófica, tecidas ficcional e pluridiscursivamente, que possibilitam traduzir subjetividades e sensibilidades também comuns ao humano do mundo contemporâneo. Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, apoia-se nas contribuições de Mikhail Bakhtin (2011) e Dominique Maingueneau (2006), no que se refere à teoria do discurso literário; em Paul Ricoeur (2005), quanto à natureza, configuração e interpretação do texto literário; por fim, toma emprestado de Maria Rita Kehl (2004) e Friedrich Nietzsche (2009) conceitos referentes às temáticas abordadas neste estudo, tendo em vista escavar sentidos nos tecidos do romance, por meio de uma produtiva interdiscursividade entre literatura e filosofia, que aponta o texto literário como um limbo metafórico-filosófico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Filosofia. Interdiscursividade. Remorso. Ressentimento.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras habilitação Licenciatura Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) desde 2010. E-mail: annie\_tarsis@hotmail.com

## 1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Remorso e ressentimento são duas sensações que atravessam toda a tetralogia das idades<sup>2</sup> do homem, do escritor afro-lusitano Valter Hugo Mãe. Trata-se de sentimentos intrínsecos ao ser humano, que aparecem na obra normalmente ligados ao sofrimento pelos mesmos causados e a tentativa de superação.

A presente pesquisa se desenha como um desmembramento dos estudos realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa *Litterasofia: Hermenêutica Literária em diálogo com a Filosofia e a Teologia*, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Assim sendo, esta pesquisa se realiza como um exercício comparativo-analítico em um espaço entremeado pelos estudos da literatura, linguagem e filosofia existencial, discutindo as temáticas do remorso e do ressentimento, no romance *A máquina de fazer espanhóis*<sup>3</sup>, buscando, a partir da dimensão metafórica da escrita literária, perceber a recorrência de uma reflexão de natureza filosófica que se processa na obra, possibilitando a interpretação de sentidos que desvelam sentimentos inerentes à existência humana.

Considerando que as questões existenciais se revelam como dimensão universal do humano, entendemos que há plausibilidade na leitura destes dois referidos temas na obra literária e que a análise e interpretação dos textos traz à tona produtivas relações entre a literatura e a filosofia criadas, numa imbricação de saberes que não deixam entrever uma fronteira entre os dois discursos.

Neste trabalho, compreendemos que o remorso como se inscreve na obra como um arrependimento, que por muitas vezes é pesado de carregar; e também que o ressentimento se inscreve como fenômeno por meio do qual o humano se encontra submisso àquilo que lhe castra liberdade e direitos.

Debruçam-se sobre o estudo do remorso e do ressentimento diversos pensadores, porém buscaremos no texto literário os sentidos da reflexão filosófica gerada no âmago do romance, uma vez que em todo lugar onde há o humano há a capacidade de pensar. As pessoas podem filosofar livremente, de modo que as

---

<sup>2</sup> A tetralogia das idades do homem de Valter Hugo Mãe é composta por: *o nosso reino* (2004), *o remorso de baltazar serapião* (2006), *apocalipse dos trabalhadores* (2008) e *a máquina de fazer espanhóis* (2010).

<sup>3</sup> Optamos por utilizar as letras minúsculas nas citações que aparecerem do texto literário para seguirmos a proposta de democratização entre as palavras do projeto do próprio autor.

obras de arte atestam sempre a desacademicização, deixando descobrir que a produção do pensamento filosófico está para além daquele produzido dentro das academias de filosofia das universidades, sendo tecido também pela literatura, que de maneira poética e condensada, porém sempre mascarada pela ambiguidade da enunciação, constrói reflexão emanada do seu autor, em sintonia com o dizer de Martin Heidegger, que vê o humano como um ser essencialmente filosófico, ou seja, *dasein* (ser-aí)<sup>4</sup>.

É através da reconfiguração da realidade operada pela apropriação do autor e projetada nos textos literários que estes se apresentam carregados de experiências, vivências que possibilitam novas interpretações sobre a vida, morte, ressentimento, solidão, remorso, angústia, liberdade e etc., temas existenciais que emergem de dentro do complexo tecido metafórico.

Como iluminações para os conceitos que corporificam esta proposta, apoiaram-nos os trabalhos de Maria Rita Kehl e Friedrich Nietzsche, na exploração do território do ressentimento. E para o campo do remorso, pela escassez de material teórico crítico sobre o tema, optamos por relacioná-lo, por aproximação, ao sentimento de culpa ou a algumas formas de arrependimento, pois, embora estes conceitos transitem também como objeto de reflexão de outras áreas do conhecimento, como a psicologia e a teologia, contribuem para traçarmos um esboço de viés filosófico do que seja propriamente o remorso.

Faz-se necessário, antes de tudo, tecermos algumas considerações em torno da literatura e da filosofia, para efeito didático, enquanto áreas distintas, em certo sentido, uma como arte outra como ciência, já que a filosofia estaria num plano racional, reflexivo e a literatura, por sua vez, seria reconhecida mimeses, representação ou expressão da realidade da vida e dos sentimentos humanos. Por outro lado, enquanto formadoras de sentido, são áreas que tendem a se (con)fundir, pois residem sempre numa região de fronteira, passando pela mesma ponte da linguagem e da reflexão sobre o existente.

A partir das conjecturas levantadas na pesquisa, fez-se necessário, para a realização da análise, trazer para o estudo alguns conceitos da teoria literária e teoria do discurso, como: discurso, dialogismo, polifonia e interdiscursividade para assim cotejar a obra de maneira produtiva de acordo com a proposta da pesquisa.

---

<sup>4</sup> HEIDEGGER, Martin. *Introdução à filosofia*, 2007, p. 3.

É nosso propósito encaminhar este trabalho como uma pesquisa que reflete sobre a condição humana a partir da literatura, buscando apontar sentidos plausíveis de sentimentos que amargam a vida, mas que por outro lado os mesmos também podem possibilitar o alargamento da existência por meio da superação do aprisionamento.

A metodologia segue o trajeto das amarguras remorso e ressentimento, identificando estratos discursivos relativos às temáticas em questão, buscando analisar e compreender os sentidos produzidos no contexto sócio-histórico configurado na obra através do seu enredo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O DISCURSO LITERÁRIO E O DISCURSO FILOSÓFICO

Valter Hugo Mãe cria em seu romance atmosfera existencial em que são mergulhados seus personagens. Eles vivenciam sentimentos inquietantes, a exemplo do remorso e do ressentimento, sendo então, a partir dessas aflições que fazem parte da condição humana que Hugo Mãe tece a obra. É por mimeticamente nos assemelharmos, que os personagens de *A máquina de fazer espanhóis* se aproximam cada vez mais de nós.

O texto literário é uma das mediações pela qual o humano pode se compreender, visto que a reprodução literária é uma representação/recriação do real, como bem ressalta Paul Ricoeur, ao tratar das implicações do novo mundo construído pela linguagem, o qual ele chama de *quase-mundo*, um novo mundo instituído no texto, que é o mundo real propriamente dito, mas nele tem sua referência: “A linguagem não é um mundo próprio. Nem sequer é um mundo. Mas porque estamos no mundo, porque somos afectados por situações, temos algo a dizer, temos a experiência para trazer à linguagem” (RICOEUR, 2005, p. 36). Como bem mostra esse trecho, o lugar da literatura para além de entretenimento, é um âmbito de manifestação do humano. Entendemos, para além disso, que os textos literários se constituem como um complexo integrado que compreende uma dimensão estrutural e estética do texto e sua referência extraverbal, formando um conjunto preenche de sentidos.



A linguagem literária está ligada à sociedade e por vez à história. Através da sua materialização inserimos ideologia. Como propôs Mikhail Bakhtin, veremos o texto como objeto de significação em que nele o enunciado é tecido, estruturado e os sentidos dependem do contexto exterior, do sócio-histórico-cultural. Se o texto literário é tudo isso acima, ele é também um objeto discursivo. Assim sendo, na ordem do discurso existe o dialogismo, a condição do sentido do discurso.

Desconhecer a natureza do discurso é apagar a ligação dele com a vida. Por isso é preciso analisar a organização e interação verbal, mas também os contextos em que foram produzidos, uma vez que estes foram forjados dentro das esferas sociais. Só assim compreenderemos o princípio constitutivo da linguagem, e, por conseguinte, os efeitos de sentido do discurso.

Como bem coloca José Luiz Fiorin (2006) a partir de Bakhtin, o dialogismo desmembra-se em dois aspectos: a interação verbal entre o enunciador e enunciatário do texto, ou seja, aquele que escreve e aquele que lê; e a interdiscursividade que acontece no interior do próprio discurso, sendo a recorrência de dizeres de outros textos no texto. Por fim, o texto literário é um tecido cheio de vozes, a polifonia, mantendo então uma relação dialógica em que se confrontam e se completam para assim construir um todo-teia cheio de sentidos ideológicos dentro de diferentes contextos.

É no espaço de diálogo da literatura com a filosofia existencial que veremos os conflitos das várias vozes históricas e culturais, no dizer de Fiorin (2006, p. 167):

Os homens não têm acesso direto à realidade, pois nossa relação com ela é sempre mediada pela linguagem. Afirma Bakhtin que “não se pode realmente ter a experiência do dado puro” (Bakhtin, 1993, p.32). Isso quer dizer que o real se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com os outros discursos, que semiotizam o mundo. Essa relação entre os discursos é o dialogismo.

Dentro destas concepções, o conceito de dialogismo nos faz remeter a um olhar macro, o diálogo da prosa literária com a prosa formal filosófica; e uma noção micro do dialogismo que ocorre dentro da obra literária em duas recorrências, a da

história cotidiana que se contrapõe à história oficial de Portugal e do político, referente ao regime salazarista e a União Europeia.

Partindo para a interdiscursividade, sabe-se que esta se caracteriza pelo entrelaçamento de diversos discursos advindos de diferentes momentos históricos e sociais, pois esse “diálogo é a única esfera possível da vida da linguagem” (FIORIN, 2006, p. 169). Sendo assim, a interdiscursividade é um procedimento real de constituição do texto, estando ligada ao campo mais subjetivo, podendo ser um sinônimo para dialogismo, uma vez que houve certas mudanças nas traduções diretas feitas dos escritos de Bakhtin.

Atentar para os conceitos bakhtinianos de dialogismo e interdiscursividade é saber que a obra literária convoca diversos discursos para sua configuração recriando-os, tendo como referência o mundo sociocultural. Isto evidencia os efeitos de sentido existentes na obra. É portanto, no meio do cruzamento de discursos e ideologias que se possibilita fazer uma leitura. Temos o romance como um único enunciado que gera um olhar decomposto devido às suas várias vozes e instâncias sociais que se materializam pela linguagem. Acerca disso Dominique Maingueneau (2005, p. 16) enuncia:

As unidades do discurso constituem, com efeito, sistemas, sistemas e significantes, enunciados, e, nesse sentido, têm a ver com uma semiótica textual; mas eles também têm a ver com a história que fornece a razão para as estruturas de sentido que elas manifestam.

Após esses esclarecimentos, compreende-se que um estudo sobre *A máquina de fazer espanhóis* não pode ser imanente, analisando somente a sua estrutura, mas sim voltando-se para o contexto social de sua produção, uma vez que esta obra é linguagem. E, por conseguinte, não está desvinculada dos fatores externos.

É na organização verbal do texto literário que iremos notar que ele é constituído por filosofia que leva seus leitores a pensar sobre o remorso, sobre a morte, sobre a solidão, sobre o ressentimento afinal, sobre o existir. Assim, todas as teorias lidas e estudadas formarão o “dialogismo do nosso pensamento sobre as obras, as teorias, os enunciados, e, de uma maneira geral, do nosso pensamento

sobre o homem” (FIORIN, 2006, p. 350), sendo resumidamente desta maneira que se assentarão as análises.

A prosa literária e a filosofia caminham juntas, e precisamos da linguagem e suas metáforas para traduzir os símbolos advindos dos signos que existem em nós, em nosso pensar, em nosso filosofar; algumas vezes não conseguimos conceituar prontamente, mas é possível externalizar nossas compreensões sobre o mundo de maneira metafórica, aproximando-nos cada vez mais da literatura. O filosofar, como uma coparticipação do atuar humano, dá-se através dos textos, dos símbolos e da linguagem que o homem carrega e interpreta na sua experiência com o viver.

A literatura, em primeira instância, pode ser repositório de saberes filosóficos; em segunda, ser intérprete e reescritora desses saberes e, por fim, gerar, produzir novos sentidos filosóficos. É por isso que não podemos colocar estes dois saberes em blocos distintos, visto que não há rupturas que façam criar dois lados totalmente diferentes e plenamente dissociáveis. A literatura difere da filosofia, pois não se preocupa em colocar uma lógica nas experiências humanas, mas sim em dizer, narrar estas experiências deixando ao leitor a responsabilidade de interpretação do dito e não-dito do discurso literário.

Se o objeto a ser analisado é aberto, plural e dialógico, ao nos depararmos com as várias vozes, de vários enquadramentos sociais, com vários valores, cabe a nós escolher o viés, o ponto de vista para olhar e refletir a obra. Escolhemos a interligação da literatura com a filosofia que se dá na busca por empreender um entendimento do ser humano, em que analisar os diversos conjuntos discursivos num todo enunciado (romance) nos leva a percorrer um caminho na tentativa de reconhecimento e entendimento das questões abertas sobre nossa existência, indo pelos conceitos (da filosofia) e metáforas (da literatura) que estão postos no texto.

## 2.2 DO REMORSO E DO RESSENTIMENTO

Como já foi dito, não encontramos qualquer bibliografia ou teoria pontual referente ao remorso. Desta forma, a análise seguiu-se intuitivamente tendo como aparato o próprio texto literário, uma vez que ele fala sobre este sentimento amargo e expõe um caminho para pensarmos sobre a sua constituição a partir dos aspectos que correspondem à caracterização desse sentimento no ser humano, com o

sentimento de culpa e a noção de ética, conseguiu-se delinear suas fronteiras. Desta forma, por não havermos encontrado um aporte teórico sobre o tema remorso não se faz com que o tema propriamente dito deixe de existir, ou que ele não se inscreva em meio ao homem ou mesmo que não possamos estudá-lo.

A dor causada pelo senso ético é que gera o remorso, agir de forma errada ou injusta é o momento chave desse sentimento, que, diferentemente da culpa, que possui um aspecto pontual, o é um contínuo de arrependimento que atenta para o *ethos* (*ἠθικός*). Buscamos encarar o remorso como um arrependimento constante derivado da ação condenada pelo senso de justiça individual, que contraposto à simples moral, diz muito mais respeito a uma clara reflexão por parte do seu autor.

A leitura de textos filosóficos referentes às temáticas lançou base para a identificação dos percursos figurativos das emoções em *A máquina de fazer espanhóis*. Sobre o ressentimento foi de fundamental importância a leitura do livro de Maria Rita Kehl (2004); nele a autora faz um trajeto sobre as teorias elaboradas em torno deste fenômeno. Pensamentos de Nietzsche e Max Scheler são mencionados e aos poucos a noção de ressentimento vai sendo delineada. Kehl (2004, p. 11) define o ressentimento como “uma constelação afetiva que serve aos conflitos característicos do homem contemporâneo, entre as exigências e configurações imaginárias próprias do individualismo”, sendo precisamente nesse homem contemporâneo que se concentra o nosso olhar.

Outro livro essencial foi *Genealogia da Moral* (2009) em que Nietzsche expõe um estudo genealógico que partirá da concepção da moral como um derivativo da insurgência sociocultural do homem ocidental: o homem amargurado com a dominação dos poderosos, o homem ovelha e conscientemente escravizado.

Para Nietzsche, o ressentido sofre de uma doença, a memória excessiva que impede de esquecer os males que o atingiram no decorrer da vida. A verdade é que o homem ressentido é como um fenômeno antinatural que, ao contrário das demais manifestações de vida que simplesmente deixam passar e fluem, ele retém a lembrança da dor e a resente incontáveis vezes, potencializando-a como uma instância criadora de valores. O homem ressentido é, portanto, aquele que tem no ressentimento sua instância moral.

Foi a partir do ressentimento<sup>5</sup> que a ética se transformou em um fenômeno nefasto que passou a sabotar a potencialidade humana, ou seja, a força criadora, plástica que perfaz o homem. Em oposição às noções de bem e mal, conta Nietzsche (2009, p. 28), subsistiriam as manifestações de força da vida humana, um indício das “naturezas fortes e plenas, em que há um excesso de força plástica, modeladora, regeneradora, propiciadora do esquecimento”. Ainda, fala o filósofo alemão (2009, p. 32) sobre os desafios que aparecem, diz:

No fundo podemos com todo o resto, nascidos que somos para uma existência subterrânea e combativa; sempre voltamos mais uma vez à luz, sempre vivemos mais uma vez a nossa hora áurea da vitória – e então aí estamos, como nascemos, inquebrantáveis, tensos, prontos para algo novo, ainda mais difícil, mais distante, como um arco que a miséria torna ainda mais teso.

Desta forma, o ressentimento não é necessariamente mal, todos esses sofrimentos tem uma razão para o ser, assemelhado à sua concepção de eterno retorno das coisas, a superação do ressentimento prepara para algo mais difícil nos tornando cada vez mais fortes para os acontecimentos que parecem diminuir e massacrar. O que distingue o ressentimento é a insistência da angústia, a repetição do lamento. Esta pesquisa aborda o ressentimento de dois pontos de vista distintos, da produção literária e da filosofia nietzschiana.

### 3 ACERCA DO ROMANCE EM ESTUDO

Na literatura contemporânea portuguesa há um grande número de novos romances históricos<sup>6</sup>, ou do que compreendemos, de modo geral, por historicização da ficção<sup>7</sup>. Na esteira de António Lobo Antunes e José Saramago, está o escritor Valter Hugo Mãe e sua obra *A máquina de fazer espanhóis*.

---

<sup>5</sup> Tal como em Nietzsche, tem-se em vista aqui a inversão de valores destacada em *Genealogia da moral*, o ponto de inflexão ético efetuado pela classe judaico-cristã em meio ao contexto imperial de Roma.

<sup>6</sup> A denominação “novo romance histórico” é utilizada por Marilene Weinhardt.

<sup>7</sup> Paul Ricoeur, divide a discussão sobre o entrecruzamento da história e literatura em: ficcionalização da história e historicização da ficção.

Baseando-se em acontecimentos históricos do passado de Portugal, Mãe escreveu este texto literário, em que o discurso memorialístico do idoso Sr. Silva, no asilo, colaborará para uma suspensão da história oficial sobre o regime salazarista do Estado Novo, bem como a atual realidade dos “portugueses da Europa”.

Deste modo, é encenando esse passado histórico a que a narrativa juntará novos embates dos elementos sociais do presente e comporá uma prática cultural deste momento. Temos, portanto uma representação do passado recente apresentado por uma ótica individual dentro de um determinado plano social. A partir de uma ação ficcional do passado histórico, Valter Hugo Mãe cria uma fonte de problematização da história oficial do período ditatorial de Portugal, tendo em vista revisar um momento da história geralmente encarado como glorioso.

É no entremeio do passado individual e do passado coletivo, ou seja, dos fatos pessoais aos sociais, que este autor ficcional nos fará, como leitores, entender o que ele viveu e foi lembrado. Logo, a intenção é que a memória individual criada na obra possa ser lida como reverberação da memória coletiva da sociedade portuguesa no período tratado por Hugo Mãe.

A obra estudada se fabrica por discursos de memórias, lembranças do século XX e XXI que entrelaçam eventos pessoais e sociais. Configura-se ainda por se constituir numa união de relatos de um indivíduo de idade avançada (84 anos) que fez uma retrospectiva de sua existência e que nos leva a uma súmula das mudanças econômicas e sociais de dois tempos portugueses, o período do Estado Novo e o atual estado de Portugal na União Europeia.

É de fundamental importância tratarmos sobre o presente de Sr. Silva, pois este desembocará no presente de muitos outros portugueses, bem como tratarmos de seu passado, esse ainda inerente às subjetividades dos que vivenciaram a longa estadia do governo de Salazar. Realizar um movimento do presente ao passado possui uma intenção, a de tornar o tempo cíclico, como a repetição do nascer-morrer-nascer. Desta forma, se o que ocorreu no passado foram acontecimentos opacos, eles podem agora se ajustar no presente, mesmo que minimamente, ao renascerem sob uma nova ótica.

Mas Sr. Silva quer narrar-se para trazer à tona ações passadas que lhe magoaram durante a vida, como a culpa por ter entregue o único amigo que poderia ter tido à Polícia Internacional e de Defesa do Estado (doravante PIDE) no período da ditadura. Sr. Silva se via como um ser domesticado pelo governo de Salazar e

ainda como covarde por não ter conseguido resistir aos ideais evocados no momento, “Deus, Pátria e Família”.

Apropriado frisar que o período do Estado Novo durou quarenta e um anos, praticamente a metade da vida do Sr. Silva e dos demais amigos e idosos do Lar da Feliz Idade. Portanto, é cansado desse longo tempo que hoje ele percebe que lhe foi muito pesado, castrador de suas vontades e consciência, que se volta para dentro de si ao ver que todo o sofrimento sentido não é o limite.

Estando no asilo, o Sr. Silva precisa definir e dominar a solidão, embora paradoxalmente ele encontre na ação de escrever um desses meios, logo ela que requer solidão para se concretizar. Resumidamente, estar com os amigos do asilo e escrever sua autobiografia tornam-se suas atividades rotineiras para o desabafo.

Os velhos possuem um acúmulo de lembranças e vida dentro de si, e como um recipiente cheio que uma hora transborda, mas transborda para esvaziar-se e chegar a um estado de leveza que talvez só a proximidade com o fim da vida traz. Por estarem demasiado cansados fisicamente que recontam episódios passados do tempo da juventude em que tudo podiam, em que força e energia eram sem medidas; mas este cansaço físico também auxilia na construção de novos dias rememorando com imaginação a realidade passada que lhes volta.

Sr. Silva percorre o tempo do asilo, abandonando antigas verdades pregadas pela educação tradicional que teve, educação marcada pelas idas à missa, como diz. E por não se autocensurar no presente, ou mesmo por já não mais estar em estado de submissão, que ele poderá avaliar a própria vida.

Portanto, é expondo por meio da linguagem o que guardamos em nosso íntimo que entramos em contato com coisas estranhas que não podíamos ver. No caso do barbeiro Silva, essas coisas estranhas se transformaram no medo dos pássaros carniceiros, dos abutres que toda noite por pesadelo lhe faz sentir-se repulsivo. Remorso, culpa, medo e arrependimento a sobrevoarem e arrancarem suas carnes, sua vida. Essa é a imagem central germinada pelos sentimentos aqui analisados.

Essencial saber que por se tratar de memórias, mesmo que ficcionalizadas (autobiografia fictícia), elas surgem buscando a compreensão de certas ações e acontecimentos da existência e dos pontos que permaneceram obscuros, e tal narração tem um objetivo específico, expor a culpa e indignação para conhecê-los e expurgá-los para libertação.



Na roda dos amigos do lar, por escrever belíssimas cartas de amor anônimas para a Dona Marta (uma senhora do asilo) é que lhe surge a ideia de escrever algo – como uma representação da importância que tem a amizade, para ajudar a salvarmo-nos da vida, podemos ler em:

está a ver, senhor silva, você tem mesmo de escrever uns poemas para derreter corações em massa. [...] essa pode ser a sua forma de praticar a cidadania, dizia o silva da europa, pense bem, deixar um livro cheio de poemas que fiquem para sempre a comunicar com quem lhes pegue, é como deixar uma voz amiga de toda a gente. [...] precisamos que cada um exerça aquilo para que a natureza o dotou e que favoreça o coletivo. (HUGO MÃE, 2011, p. 159)

Em resposta interna, o narrador-protagonista responde:

eu sorri. talvez pudesse escrever algo, sim. talvez pudesse querer dizer algo às pessoas. calei-me um segundo e senti vaidade. depois pensei melhor. se escrevesse alguma coisa, alguma coisa que deixasse à humanidade como partilha de um sentimento qualquer, haveria de ser aterrador. gostaria de deixar um texto que os amaldiçoasse de verdade, como de mentira andam por aí tantos textos de bruxos e curandeiros. haveria de deixar-lhes um testamento de ódio a partir da morte da minha laura, para que ao menos parassem de louvar a deus e começassem a pôr nos objetivos coisas mais simples e lúcidas. (ibidem, p. 159-160)

Num tom de casmurrice e inconformação, como se acontecesse uma espécie de reconstrução psicológica, o Sr. Silva acaba por escrever suas memórias que levam a pensar o quanto a vida é oportunidade. Embora o Sr. Silva se questione: “o que justifica a vida de um homem depois dos oitenta anos quando perde a mulher que amou e com quem partilhou tudo durante quase meio século. quarenta e oito anos”, (ibidem, p.149), ele encontra a resposta onde nunca pensou estar.

Elucidar as circunstâncias que levaram o Sr. Silva a dizer a sua vida, ou seja, qual o seu pretexto para escrever este livro, requer que façamos um voo panorâmico pela narrativa e encontremos dentro do entre-lugar vida e ficção os propósitos que irão se dividir basicamente em dois: sofrimento pelas perdas do presente e a culpa passada por ter entregue um homem à PIDE no Estado Novo. Estando esses tempos interligados, os momentos históricos se constituem como instâncias por serem avaliadas. Essa possibilidade se dá devido ao isolamento em que se encontra no asilo. Sr. Silva acaba possuindo o olhar do de fora que observa algo que está distante ou até mesmo passou.



Desta forma confessa e (re)avalia a sua vida que ainda estaria entrelaçada aos ideais de Salazar, ideais como a valorização da família, da nação e da religião que fizeram o Sr. Silva fechar-se para outras possibilidades de afetos na vida. Mas, sobretudo, porque o nosso herói amou, “e o amor é para heróis. o amor é para heróis” (ibidem, p. 17), sua escrita tem relação com a morte e com a vida. Apresentamos então os motivos que levaram o Sr. Silva dizer-se.

#### **4 REMORSO, OU QUANDO PÁSSAROS NEGROS NOS DESFAZEM**

*há a boca pisada de pedras,  
e o remorso  
é uma parede mordida pelo eco.*

*(Jorge Melícias, Iniciação ao remorso)*

Em *A máquina de fazer espanhóis*, o remorso é acompanhado pelo sentimento de angústia por algo que aconteceu ao Sr. Silva no passado, uma sensação de que não deveria ter cometido determinada ação, um sentimento marcado por arrependimento. Neste romance, o remorso aparece como uma doença que possivelmente não será totalmente curada, mas que é um aprendizado e por isso suaviza-se em quem o carrega.

Olharmos para o percurso do remorso faz compreender como esta sensação sempre acontece ao homem, uma vez que é da natureza humana possuí-lo pelo menos em algum momento da vida. Agindo como um sinalizador que mostra o que se deve aprender, o remorso do Sr. Silva expandirá seu olhar nos últimos dias de sua existência, auxiliando em escolhas e chances que um dia não teve.

Para se ler o remorso, temos de atinar que a narrativa é geradora de uma experiência pontual acerca desse sentimento, e isso quer dizer que embora saibamos que ela possua ocorrência universal - por ser o remorso coletivo - sua forma de escrever o remorso é significativamente específica, pois faz referência a um determinado lugar.

O espaço do asilo possibilitará ao idoso entender como o seu sofrimento o afetou negativamente, chegando a atrapalhar o tempo presente, uma vez que não

consegue mais ver a utilidade do seu erro. Possuindo um caminho sinuoso na trama, o remorso surge representado por abutres que o sobrevoam a noite, através de pesadelos delirantes. Tudo isso é indicado ironicamente no começo da narrativa com a fala de uma enfermeira do lar: “ainda aqui vai ter muitos sonhos bonitos, vai ver” (HUGO MÃE, 2011, p. 23), o que veríamos ser a inversão completa ao longo da tessitura do romance.

Os abutres de natureza necrófaga, responsáveis pela degradação da matéria orgânica, representam o sentimento de culpa que o corrói internamente, mas que se é impossível de desaparecer, talvez só com a morte quem sabe? E é a sua morte que Sr. Silva apressa-se por querer, talvez a veja como uma remição das suas ações durante a vida; porém não é tão simples. O medo que há nele diz que mesmo que seu corpo se desfaça, a possibilidade de que a consciência se mantenha o condenará, como bem podemos ver na descrição de seu primeiro pesadelo: “subitamente debicavam-me o corpo e eu ia permanecendo vivo e, até não ter corpo nenhum, a consciência não me abandonava. eu agoniava por achar que a morte não dependia do corpo, condenando-me a padecer daquela espera para todo o sempre” (HUGO MÃE, 2011, p. 37).

Esse primeiro pesadelo expressa bem o conflito instalado no personagem, visto que a sua imagem criada testemunha uma profundidade dos sentimentos negativos que agora se transformam numa nuvem de pesadelos quase palpáveis que lhe servirão de canalizadores da dor e da culpa.

Como se uma espécie de abertura que o “levaria atrás no tempo para reviver e compreender a experiência” (ibidem, p. 38) de que padece, a noite e seus pássaros negros que não o deixam dormir e por isso não morrer, querem que ele viva, viva para sofrer o que um dia fez de mal a alguém. A noite, aquela que traz a escuridão, e também a rememoração das coisas feitas à luz do dia, ganha aqui amplitude de significação e compõe os momentos de estar cara a cara com seus medos e erros. Como dormir é ensaiar para a morte, e “el sueño de la razón produce monstruos”<sup>8</sup>, vemos um jogo - quando a tentativa de descanso no sono desaparece -

---

<sup>8</sup> “O sono da razão produz monstros”, título de uma gravura do pintor espanhol Francisco Goya da série *Los Caprichos*, e para a análise podemos comparar o grotesco de suas pinturas aos primeiros pesadelos do Sr. Silva, o pintor Goya aparecerá mais enfaticamente em *apocalipse dos trabalhadores* (2008).

entre a entrada dos monstros internos e o querer a morte para libertar-se. Sobre isso Maurice Blanchot (2011) define bem:

Na noite, morrer, como dormir, é ainda um presente do mundo, um recurso do dia: é o belo limite que se cumpre, o momento da consumação, a perfeição. Todo homem procura morrer no mundo, quereria morrer do mundo e para ele. Nessa perspectiva, morrer é ir ao encontro da liberdade que me torna livre do ser, da separação decidida que me permite escapar ao ser pelo desafio, a luta, a ação, o trabalho, e superar-me ao passar para o mundo dos outros. (p. 178)

Temos, portanto, “as noites maldormidas tão dentadas pelos pesadelos” (HUGO MÃE, 2011, p. 39) dos pássaros negros que lhe surgem como uma representação do remorso que o corrói a ponto de repensar sua existência. Como “o sono se fará o instrumento de nossa potência de agir” (BLANCHOT, 2011, p. 289), para o Sr. Silva ele incidirá no dia-a-dia do lar, dando chances a novas relações e possibilidades de vida.

Uma das oportunidades que abraçará será a de abrir-se para a amizade com pessoas que não possuem o mesmo laço sanguíneo, e como primeira experiência temos a sua relação com o enfermeiro mais humanizado do lar, o Américo Setembro, em quem o Sr. Silva percebe que “na entrega daquele homem, logo ali, havia uma sublimação evidente que partiria de uma dor estrutural” (HUGO MÃE, 2011, p. 29), e essa dor estrutural seria a retomada precisa ao momento em que entregou a sua única possibilidade de amizade ao PIDE.

Ao escrever suas memórias, Sr. Silva “está a sondar as coisas mais perigosas, fazendo com que tudo fique mais fácil” (ibidem, p. 77), pois ao adentrar num espaço inabordável do passado que até agora não havia olhado, o seu tempo presente irá clareando ao passo que neste momento final irá reconstruir tudo diferente de antigamente.

Em todas as noites Sr. Silva pensava: *Deep into the darkness peering, long I stood there, wondering, fearing/ Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before*<sup>9</sup>, e mais uma vez às três da manhã vinham os abutres e o digeriam “pelos seus estômagos azedos” (HUGO MÃE, 2011, p. 39) seu corpo e só a alma

---

<sup>9</sup> The Raven, de Edgar Allan Poe, publicado em 1845. Trad. de Fernando Pessoa: A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,/ Dúbio e tais sonhos sonhando os que ninguém sonhou iguais.

ficava a pairar, enfatizando mais uma vez o medo de não conseguir arrancar o que lhe envenena a alma.

Num outro pesadelo, já marcando uma diferença com os anteriores, Sr. Silva traz a declaração: “levantava-me fechava novamente as portadas da janela que insistiam em abrir-se não sabia como, e vislumbrava ainda os últimos pássaros partindo, deixando-me em paz por um bocado” (HUGO MÃE, 2011, p. 169). Percebemos nele um momento de trégua que os pássaros negros lhe dão, como se não mais surgissem para o desfazerem, mas para manter uma nova relação.

Ao final, segue-se a narração do seu último pesadelo: “adormeci um tempo depois, o sono inteiro a admirar o céu coberto de pássaros negros que, estranhamente, me fascinaram” (HUGO MÃE, 2011, p. 239). A passagem comprova o salto dado pela narrativa, uma superação que está caracterizada como uma atividade em andamento, não um ponto fixo a ser alcançado, mas algo que acontece de modo a transitar por estágios; a culpa que sempre caminhou junto dele por ter escolhido entregar o amigo. Aparecia como uma aura negra, um espírito à espreita sempre a assombrá-lo. Porém agora foi tomando outra dimensão marcando a superação do remorso pelos voos dos pássaros que passam a encantá-lo.

O asilo, os idosos que conheceu e o enfermeiro cuidadoso foram de extrema influência para a superação, como se após todas as perdas ainda coubesse na vida mais do que somos capazes de viver, como o trecho abaixo elucida:

depois confessei-lhe, precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia. este resto de vida, américo, que eu julguei já ser um excesso, uma aberração, deu-me estes amigos. e eu que nunca percebi a amizade, nunca esperei nada da solidariedade, apenas da contingência da coabitação, um certo ir obedecendo, ser carneiro. eu precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de amizade. [...] encontrar nas suas dores caminhos quase insondáveis para novas realidades, para os outros. os outros, américo, justificam suficientemente a vida, e eu nunca o diria. esgotei sempre tudo na lura e nos miúdos. esgotei tudo demasiado perto de mim, e poderia ter ido mais longe. (HUGO MÃE, 2011, p. 237)

Como se agora pensasse: “você só estava esperando este momento”<sup>10</sup> para ser livre e escutar os cantos dos pássaros e o que eles tinham a lhe dizer. O Sr.

---

<sup>10</sup> Verso original: you were only waiting for this moment to arrive. Trecho de *Blackbird*, uma música dos Beatles gravada em 1968 no famoso Álbum Branco. Esta música é uma metáfora dos direitos civis da América, mas pode ser vista direcionada à Portugal também. No trecho: “ele gostava dos

Silva, em um ir e vir entre o passado e o presente percebe que o homem que entregou é aquele que “ao contrário de se ter habituado à ditadura, andava a miná-la como sabia, criando brechas aqui e acolá para que ao menos se soubesse que o povo gangrenava descontente” (ibidem, 2011, p. 132); e se constituía o seu outro lado, o lado que queria se rebelar do estado de inércia e cordeiro que se encontrava no Estado Novo.

É intercalando o passado e o presente que o Sr. Silva realizará os movimentos: viver, lembrar, narrar e entender no seu livro de memórias. Uma vez que o tempo passado lhe era opaco e só agora, isolado e abandonado por todos da sua família no lar para idosos, é que ele consegue enxergar as castrações herdadas de um país em regime ditatorial. As perdas que teve o fizeram enxergar para além do seu núcleo familiar, pois a esposa e os filhos não são as únicas formas de amar e os únicos motivos para se viver.

Na época do regime foi um bom fascista, o que significava ser um bom homem, embora tenha selado um crime ao estado por ajudar o comunista (seu possível amigo) a quem tanto tinha afeto, teve a coragem de escondê-lo e salvá-lo em sua barbearia, ação que acabava por configurar a vontade de que todo aquele estado que se encontrava Portugal acabasse.

Como uma espécie de imagem invertida do Sr. Silva, o homem em fuga na década de 60, possuía toda a vontade e força que queria ter o barbeiro; com aquele homem com quem compactuou um crime contra o Estado, Sr. Silva poderia ter sido um rebelde e ir de encontro ao regime e lutar pela democracia e os ideais portugueses que realmente trouxesse algum benefício ao povo. Contudo, ele esclarece a responsabilidade com a família:

mas os filhos já dispostos à mesa, tão pequenos e a exigir segurança e sustento, davam-lhe medos e prudências para tudo. preferiria, tenho a certeza, que nunca nos arriscaríamos a nada. era o modo que tinha de fazer a sua parte pelo mundo. não bulir com coisa alguma. não arranjar nem querer confusões. por isso não gostava que eu discutisse com ela [laura, a esposa] as coisas da política. queria que a política não fosse um assunto lá de casa. haveríamos de apreciar a poesia, o folclore e uns fados, haveríamos de ter passeios aos domingos e brincar com os miúdos a crescerem e era assim a nossa vida, sem beliscar os tubarões que nos podiam ferrar. eu, apaixonado, enternecia-me com ela e deixava-me ficar porque também lhe reconhecia prudência, uma sabedoria que vinha da

---

beatles. gostava de ir ver o mundo. ir ver como eram os outros países” (ibidem, p. 135). Foi em 1968 o ano em que Salazar deixou o governo.

família, de colocar a família no centro das coisas. eu deixava que a sociedade fosse apodrecendo sobre aquele tecido de família de bem, um mar imenso de famílias de aparências, todas numa lavagem cerebral social que lhes punha o mundo diante dos olhos sublinhado a lápis azul, para melhor vermos o que melhor queriam que apreciássemos. (ibidem, p. 133)

Esse trecho elucida bem o problema em que Sr. Silva se encontrava, a família como uma célula do antigo Portugal, famílias tradicionais cheias de hipocrisias e egoístas que queriam somente bem os seus, mesmo em contextos deploráveis, como encantadas por uma magia que não queria ir-se embora, mas que aos poucos foi se tornando penosa demais para sobreviver com ela.

Dentro do Lar da Feliz Idade, Sr. Silva e os seus quatro amigos<sup>11</sup> acabam por comporem uma família fraterna, daquelas que surgem para compartilharmos a tristeza e termos momentos de felicidades, daquelas que não precisa nutrir qualquer vínculo sanguíneo, portanto basta estar-se aberto ao mundo e suas surpresas para estar desarmado para as relações. Aos poucos, como que degradando o remorso, Sr. Silva teve nos amigos do lar um ambiente apaziguador; neste espaço ele admite:

mas, ao menos uma vez, ao menos ali, pudesse eu estar para além da merda de homem amorfo que fora e superar as minhas expectativas. levar um pouco adiante um orgulho de ser mais de que português, ser pelos portugueses, ser pelas pessoas, por todas as pessoas que tinham naturalmente todas as maneiras de pensar e só assim devia ser. (ibidem, 2011, p. 135)

Assim, podemos concluir que é também na crise que nos salvamos, nos salvamos de ser aquilo que um dia fomos por escolha, mas que estávamos cegos demais para podermos ver, dentro de um lugar em que só alcançávamos uma visão mínima. Foi pelo conflito ético central – entregar um colega que está sendo útil à Portugal, lutando com coragem contra o regime; ou garantir a segurança da minha família? – que o Sr. Silva escolheu ser covarde e obedecer, entregando o colega à morte.

---

<sup>11</sup> Todo grupo são de Silvas, o nome próprio Silva é substantivado como os Severinos de João Cabral de Melo Neto, só que no romance surge para designar os portugueses e suas condições no Estado Novo, na União Europeia e na diáspora, aqueles que se espalham e resistem, feito mato, “somos todos silvas neste país, quase todos. crescemos por aí como mato, é o que é” (HUGO MÃE, 2011, p. 12). O grupo: António Jorge da Silva (o Sr. Silva narrador-protagonista), Álvaro Silva Pereira (Sr. Pereira), Cristiano Mendes Silva (o Silva da Europa), Anísio da Silva Franco (Sr. Anísio) e João da Silva Esteves (Sr. Esteves, o sem metafísica do poema *Tabacaria*, de Fernando Pessoa).

A memória pode ser entendida na obra como um componente do remorso, uma vez que o remorso é um arrependimento duradouro que vem do passado incidindo no presente, foi uma ação acabada no passado que me apresenta como erro carregado de sentimento de culpa. Eis o remorso que atravessa o Sr. Silva, aquele que advém da etimologia da palavra remorso que bem nos mostra o Houaiss (2001), do latim “*remorsus*, a, um; part. pas. de *remordere* ‘tornar a morder’”. Este ato de “tornar a morder” que traz a ação considerada errada em reverberação a ponto de acharmos que somente seria a morte o modo de esquecimento definitivo e resolução.

É válido destacar que o sentimento chega a torturá-lo tanto, que se faz necessário desencadear um novo ato, uma vez que o remorso é traçado como um sentimento moralizante, sendo o sujeito do remorso o seu próprio juiz que confirma a ação negativa feita no passado. Desta forma, a ação contrária pode ser vista como uma simples abertura para a amizade, mas sobretudo, como a fundação de um sujeito verdadeiramente ético.

Diz-nos Sr. Silva: “não creio que algum dia tenha sido suficientemente amigo de alguém. fui sempre um homem de família, para a família, e o meu raio de ação esgotava-se essencialmente na minha mulher, nos meus filhos, e nos meus pais enquanto foram vivos” (ibidem, p. 171). Contrapondo-se ao que foi no passado, ele espera, agora, distanciar-se das lembranças da covardia e da traição, ou seja, do seu remorso; expressa bem esta relação do Sr. Silva com o remorso que reteve ao longo de quase quarenta anos<sup>12</sup>, o seguinte trecho:

achei que fazia o que tinha de fazer. e assim me senti como a saber e a arquivar o assunto como algo que ocorrera com outras pessoas, verdadeiramente como algo de que soubesse apenas a partir da televisão. um homem preso pelo regime e outro acusando-o, e eu não era nem um nem outro, e a vida continuava como se nada fosse porque ao fim de cada dia encontrava a minha laura à espera de aquecer a sopa conversando sobre os filhos crescendo e sobre como era bom sermos prudentes e legais. (p.175)

Perder a família direcionou o olhar de Sr. Silva para os outros, é na descoberta do valor da amizade que o idoso descobre o valor dos homens, os únicos em que diz acreditar, embora eles precisem se arrepender e mudar de

---

<sup>12</sup> A entrega do único possível amigo que teve fora do asilo foi em 25/09/1971, curiosamente a data de nascimento do autor Valter Hugo Mãe.



conduta. Todavia, devemos observar que atrelado ao remorso está o ressentimento, outro sentimento que leva o Sr. Silva a fazer negociações com a vida. Vejamos, então, o que representa o ressentimento, e como ele se distingue do que procuramos denominar por remorso.

## 5 RESENTIMENTO, OU QUANDO A INDIGNAÇÃO CALA

*A visão do homem agora cansa – o que é hoje o nihilismo, se não isto?... Estamos cansados do homem...*

*(Nietzsche, Genealogia da Moral)*

As memórias narradas pelo Sr. Silva vem da voz de quem não lutou, de quem não foi o cidadão esperado, e portanto, de quem não foi verdadeiramente ético. É assim que o ressentimento é delineado pela narrativa como um fenômeno derivado da impotência, mas não de um único indivíduo, mas sim de uma comunidade de portugueses que se deixou subjugar por um governo que durou em média quarenta anos<sup>13</sup>.

Sr. Silva escreve para acertar contas com a vida, e com toda a indigestão da iniquidade do regime salazarista e sua maneira de se portar à frente dele. Partindo de um contexto em que ser contra os portugueses era ir de encontro a eles mesmos quando cegos pela ditadura, Sr. Silva buscará extrair alguma compreensão desse evento passado, que por muitas vezes o conturbou.

Podemos dizer que o ressentimento é o estímulo da ação do nosso narrador-personagem. É ele que impulsionará a aparição das lembranças trazidas do governo de Salazar, e é nesse passado até agora indizível em que conta: os amigos “ajudavam-me a transformar em literatura o que parecia nem ter verbalização possível. e por vezes não tinha mesmo.” (HUGO MÃE, 2011, p. 14). Desta maneira ele escreverá suas memórias para entender e tentar expurgar a pesada carga que traz.

Nesta narrativa o ressentimento mostra-se totalmente conectado com o individualismo traçado pela modernidade, esse ideal que ora nos faz acreditar que somos completamente responsáveis pela nossa vida, ora nos mostra que só somos

---

<sup>13</sup> O governo de António Salazar aconteceu a partir de 1933 a 1968.



capazes de viver devido aos outros, com o auxílio dos outros e para os outros. Sobre esta discussão nos auxilia Maria Rita Kehl, fazendo-nos perceber que é a democracia, um dos fortes causadores do ressentimento, como bem podemos ler em:

(...) insatisfação dos grupos ou classes para quem as promessas de igualdade de direitos entre todos os sujeitos nascidos na modernidade não se cumpriram como era esperado; só que a atitude ressentida, de passividade queixosa, torna os sujeitos impotentes como agentes da transformação política que lhes interessa. (KEHL, 2004, p. 27)

Neste caso, temos precisamente no ressentimento social que se dá na promessa não cumprida de direitos iguais a razão para este fenômeno de Portugal, tendo em vista que foram os portugueses que no dia 25 abril de 1974 pensaram estar lutando pelo retorno da dignidade perdida nos vários anos de ditadura. No entanto, o que se vê atualmente em Portugal está bem distante do que muitos deles quiseram, estando na mesma condição de escravidão moderna, totalmente contraposta ao que eles sonhavam, agravando-se com o fato de não lutarem pelos direitos e liberdade.

O Sr. Silva, por contingência, representará os anseios coletivos, uma vez que os seus sentimentos e sua história se assemelha à dos portugueses em geral. Quando ele relata suas lembranças, é como se testemunhasse a memória de seu povo, mas também é como instrumento de luta contra àqueles que possuem algum tipo de saudosismo ao Estado Novo e ao Salazar, é por preocupar-se com os jovens e os homens que continuam a viver para que não cometam o mesmo erro cometido por ele (consequentemente pelos portugueses), no passado.

Logo, o ressentimento é desenhado por dois momentos históricos, o primeiro quando o Sr. Silva (e os portugueses) não luta contra o regime ditatorial, o segundo quando ele se encontra dentro de uma conjuntura geopolítica da União Europeia que finda com o rebaixamento da nação portuguesa. Estando ligado à homogeneidade da magna coalizão europeia, a crise de Portugal não só possui um aspecto econômico, mas além de tudo identitário.

O Sr. Silva se apresenta como um personagem redondo que no primeiro momento, foi um ressentido vitimado, e no segundo um ressentido ativo, porém ativo para vingar-se mesmo que tardiamente. O que outrora lhe acontecia no tempo presente era difícil de ser compreendido, e só com o vazio e abandono que se

encontra ao ser jogado no asilo, após perder/deixar tudo que depositou sua força e luta, deparando-se com a covardia e a falta de sensibilidade e solidariedade com os outros, é que pode voltar-se para si e repensar sua vivência. Sobre o ressentido podemos ler:

O homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. Sua alma olha de traves; ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo; ele entende do silêncio, do não esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria. (NIETZSCHE, 2006, p. 29)

Agora ele é capaz de perceber que “nós éramos gente exclusivamente por generosidade do ditador. portei-me como tal. um mendigo de reconhecimento e paz. fui, como tantos, um porco” (HUGO MÃE, 2011, p. 175). O que o envenenou, percebe, foi a falta de reação imediata ao estado em que se encontrou tão obediente e com isso nada ganhou. Não possuindo mais tempo para a passividade que teve durante sua vida, agora ele já havia perdido tudo o que um dia acreditou (a família) e não temia quase nada.

Começamos por compreender o contexto histórico do governo de Salazar, o capítulo “herdar Portugal” apresenta um relato esclarecedor sobre “as heranças castradoras de uma educação com idas às missas”<sup>14</sup> que foram determinantes à constituição do modo de ser dos portugueses, e por que não podemos afirmar que está aí a chave central do ressentimento. Lemos na fala do Silva da Europa, amigo do Sr. Silva:

colega Silva, ainda está cá dentro, é muito difícil tirarmos das ideias a educação que nos deram de crianças. podemos ser todos inteligentes como super-homens, adultos feitos à maneira e pensantes livremente, mas a educação que nos dão em crianças tem amarras para a vida inteira e, discretamente, aqui e acolá os tiques fascistas hão de vir ao de cima. já nem damos conta. (HUGO MÃE, 2011, p. 90-91)

Esse trecho expõe um fato relevante, o do fascismo que ainda está na raiz das relações e acontecimentos do país. O título do romance, *A máquina de fazer*

---

<sup>14</sup> Sobre esta temática temos o romance *o nosso reino* (2004), o primeiro romance da tetralogia das idades do homem, em que o personagem é um menino de oito anos chamado Benjamim, o contexto histórico da obra é também o regime salazarista do Estado Novo, o foco na educação e na sua relação com a igreja é mostrado.

*espanhóis*, nos faz remeter à uma máquina que produz espanhóis e essa máquina é Portugal que fez portugueses que querem ser espanhóis por acreditarem que lá, na Espanha, é que eles seriam felizes e possuiriam mais dignidade. Interessante é compreender o jogo da obra: enquanto os portugueses temem Salazar, os espanhóis temem Franco, ambos tinham sentimentos aproximados.

Mas o que nos interessa é outro tipo de máquina, a máquina que aparece ao Sr. Silva, que é “a máquina<sup>15</sup> de tirar o fascismo da cabeça dos homens”. O fascismo, ou esse modo de governar levaram os portugueses a possuírem uma maneira de agir e um olhar egoísta, uma vontade de ordem e busca de uma glória da nação, e é pelo fato de “quem fomos há de sempre estar contido em quem somos, por mais que mudemos ou aprendamos coisas novas” (ibidem, p. 117) que consistirá o temor da consciência dos cinco idosos, o temor de que um dia a censura volte. Ao conversarem sobre a atual situação do país, alguns dizem achar melhor o passado, a eterna insistência de achar que o que passou foi melhor do que o agora. Sobre o saudosismo desses tempos o personagem Silva da Europa diz:

estamos para aqui todos fascistas, com pensamentos de um fascismo indelével a achar que antigamente é que era bom. este é o fascismo remanescente que vem das saudades. sabe, acharmos que salazar é que arranjará isto, que ele é que punha esta juventude toda na ordem. [...] quando dizemos que antigamente é que era bom estamos só a ter saudades, queremos na verdade dizer que antigamente éramos novos, reconhecíamos o mundo como nosso e não tínhamos dores de costas nem reumatismo. é uma saudade de nós próprios, e não exatamente do regime e menos ainda do salazar. (HUGO MÃE, 2011, p. 116)

Eles acreditam que ainda “hoje é possível reviver o fascismo. é possível na perfeição. basta ser-se trabalhador dependente. é o suficiente para perceber o que é comer e calar. e por vezes nem comer, só calar.” (ibidem, p. 155), por um lado há o temor de retorno ao modo de viver do Estado Novo, por outro há uma vontade de que o regime se institua novamente, talvez pela falta de memória do que tenha sido o regime, ou até mesmo achando que a falta de liberdade acaba desaguando em algum tipo de caos generativo que transformaria a situação em que se encontram.

---

<sup>15</sup> Essas máquinas (a máquina de fazer espanhóis, a máquina de roubar a metafísica do homem e a máquina de tirar o fascismo da cabeça) que aparecem na obra como um instrumento da melhora da morte, do momento final que tira ou põe o que tememos em vida.

O intuito da autobiografia do Sr. Silva é também “para que os povos se recordem como foi que um dia um só homem quis ser dono das liberdades humanas” (HUGO MÃE, 2011, p. 137), pois sobre este assunto não se pode mais calar, nunca calar. É para ser contra a um novo estado de regime ditatorial, essa máquina de roubar a metafísica<sup>16</sup> do homem, que afinal, esses velhos tem muito a nos dizer, pois eles tem “um passado que é genericamente o teu presente e o teu futuro” (ibidem, p. 104), ou melhor, o nosso presente, o nosso futuro.

Podemos afirmar que com a ressaca da democracia se “periga quando está sendo negligenciado o seu princípio essencial: o predomínio do bem comum sobre os interesses de indivíduos ou de grupos particulares” (ROSENFELD, 1993, p. 205). Assim sendo, a promessa de igualdade esquecida e a não ação, a não revolta gera o ressentimento social. Portugal é um país ressentido e possui vários traumas, por exemplo, a crueldade das Grandes Navegações, das colonizações e guerras, o regime salazarista, a crise e sentimento de inferioridade em relação aos outros países da União Europeia.

Acreditar em uma reparação das injustiças num futuro faz parte do sentimento aqui estudado. Ao invés de se colocar como derrotado e como vítima, Sr. Silva acaba por buscar um bode expiatório. Os fracos estão do lado da pureza moral judaico-cristã, a conformação e a vitimização os fazem depender de coisas fantasiosas, como uma autoridade, um Deus.

Nietzsche diz que “a rebelião escrava da moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação” (NIETZSCHE, 2009, p. 26), é essa vingança que ilude a maioria das pessoas, mas não mais ilude o Sr. Silva, e acerca disso ele conta: “porque o tempo me escapara e não o poderia admitir pacificamente” (ibidem, p. 29) e, portanto agora não deve cometer os mesmos enganos anteriores.

A partícula “re”, da manutenção do ressentimento do Sr. Silva quer desaparecer. Ele já manteve a cólera por muito tempo, é preciso seguir sua natureza, seus instintos; então sua vontade de ainda viver encontrou pela agressão

---

<sup>16</sup> Silva da Europa fala: sabe o que é que afinal foi mesmo a máquina para roubar a metafísica aos homens. [...] o estupor da ditadura. a ditadura é que nos quis pôr a todos rasos como as tábuas, sem nada lá dentro, apenas o andamento quase mecânico de cumprir uma função e bico calado. a ditadura, colega silva, é que foi uma terrível máquina de roubar a metafísica aos homens. (HUGO MÃE, 2011, p. 148)

e morte a pulsão da vida; o assassinato de D. Marta carregará um forte valor simbólico, inicialmente pela morte ter sido causada por pancadas com um livro na cabeça. A todo instante o Sr. Silva fala sobre livros, critica-os na verdade, pois eles não o salvaram, os livros não o armaram para a vida, para lutar contra as indignações da vida, não lhe deram voz.

O recado diz que é preciso ir além dos saberes aprendidos nos livros, é preciso possuir ação, sair para as ruas, agir em prol dos quereres portugueses. Sobre isso menciona: “fora ingenuidade da minha parte achar que armado com um livro me armara para todos os inimigos do mundo” (HUGO MÃE, 2011, p. 231). As coisas que aprendeu nos livros não lhe tirou do estado quase apático aos problemas que enfrentava Portugal, pois simplesmente não o entregou antídoto algum contra a sua fraqueza.

A representatividade da morte de Dona Marta surge pela natureza (instintos) do Sr. Silva, ao acabar realizando a vingança tão adiada, que embora não imediata ao tempo de censura, aconteceu através da violência. A cena aponta: “a natureza deu-lhe por umas vezes com um livro na cabeça” (idem, p. 161) e D. Marta, aquela que simbolizava o amor no lar, o amor que o levou a ficar cego aos problemas sociais em que se encontravam os portugueses, agora estava morta e com ela o amor estúpido também.

A todo instante notamos a relação entre os desafetos do Sr. Silva e os aspectos políticos de Portugal, sendo a partir da perspectiva do idoso que vislumbramos questões políticas, através de aspectos dolorosos, do seu sentimento de insignificância e de impotência individual, ou seja, o contorno de toda a conjuntura que lhe possibilitou estados psicológicos danosos, inenarráveis.

Temos uma dupla visão da memória nesse trabalho, a que se livra dos maus sentimentos, pelo desabafo após a rememoração, mas ajudando a não cometer o mesmo erro; e a que auxilia o rancor passivo, por isso o valor que Nietzsche atribui ao esquecimento, uma vez que “a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento” (NIETZSCHE, 2009, p. 43), esquecer é uma forma de se ajudar. E sobre o lembrar Nietzsche (2009, p. 46) diz: “talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que a sua *mnemotécnica*”. O que a ditadura fez ao Sr. Silva? Diz a sua memória: Ela o obrigou

a entregar o único possível amigo à polícia política (PIDE) em detrimento da segurança da família (um dos ideais salazaristas).

Assim, mostra Kehl (2004, p. 11) que “ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer; um outro a quem delegamos, em um momento anterior, o poder de decidir por nós, de modo a poder culpá-lo do que venha fracassar”, tendo nosso personagem depositado a culpa de seus sofrimentos na conjuntura política da época.

E por “apenas o que não cessa de causar dor fica na memória” (NIETZSCHE, 2009, p. 46), percebemos que o ressentimento está acorrentado a ela, é a desgraça de lembrar algo negativo que o faz sentir novamente a dor. Como todo sofredor busca uma causa para seu sofrimento, o governo, a educação e a religião contribuíram para a “mariquice” no espírito dos portugueses, como diz Sr. Silva.

É natural todos sofrerem na vida, mas o que diferencia uns dos outros é a postura que possuem frente ao sofrimento. No passado o Sr. Silva não descarrega suas dores, porém isso ocorrerá no asilo. Só a partir de então o ressentimento a toda censura e submissão em que viveu calado, como parte de um rebanho de homens mansos, encontrará um ato compensatório, o assassinato de D. Marta.

Se fizermos um balanço nas falas dos cinco idosos e principalmente na do Sr. Silva, os portugueses se encontram quase no mesmo estágio de anteriormente no regime, em que suas liberdades foram tomadas, mas a diferença é que agora eles tem essa liberdade e não sabem usá-la, pois como expõe o Silva da Europa:

é o que fez a liberdade, acrescentou. um dia estamos desconfiados de tudo, e no outro somos os mais pacíficos pais de família, tão felizes e iludidos. e podemos pensar qualquer atrocidade saindo à rua como se nada fosse, porque nada é. as ideias, meu amigo, são menores nos nossos dias. não importam. as liberdades também fazem isso, uma não importância do que se pensa, porque parece que já nem é preciso pensar. sabe, é como não termos sequer de pensar na liberdade. (HUGO MÃE, 2011, p. 11)

O que Nietzsche chama de “homem domesticado” é o resultado da interiorização dos instintos e do sentimento de culpa, é o não revoltar-se pelas injustiças que o acometeram. A respeito de sua fraqueza no regime salazarista, temos: “que cagão de homem eu fui, um burro sonso a remoer por dentro as agruras de aceitar e aceitar sempre calado” (HUGO MÃE, 2011, p. 179) e isso se amplia para a fraqueza referente ao agir no tempo presente.

A má consciência e o recalque da agressividade incapaz de exteriorizar o sentimento de impotência faz pensar que a memória é um meio de estímulo das práticas de violência, ao arrepender-se Sr. Silva conta: “arrepentia-me do fascismo e de ter sido cordeiro tão perto da consciência, sabendo tão bem o que era o melhor valor, mas sempre o ignorando, preferindo a segurança das hipocrisias instaladas” (HUGO MÃE, 2011, p. 248), percebemos desse modo o jogo entre sua ética e a moral vigente.

Valter Hugo Mãe (2011) tece, a partir da obediência civil e do ser-se bom esposo e pai, um aviso do que torna um homem manso, pois “a ignorância é que nos pacifica. a paz está toda metida na ignorância, pronta para levar as pessoas à felicidade. e isto era a receita do regime. igualzinho. hoje podemos ver, mas não há quem queria ver” (idem, p. 154). Deste modo, a paz se contrapõe ao agir imediato contra a injustiça e sofrimento, ela está para a domesticação do ser. Desse modo, as lutas devem acontecer contra o cultivo de ovelhas que o estado se concentra em querer formar, mas em defesa aos pastores, os homens senhores de si. Acerca dos bons homens, os covardes considerados cidadãos exemplares, temos a ideia central de que eram homens bons, porque fracos, uma vez que quem explora é mau e deve sentir culpa.

É defendendo que os mitos fabricados para uma identidade nacional, a dos portugueses corajosos que desbravavam o mundo e que lutavam em várias guerras; a dos fados e a ideia de serem fortes e felizes na pobreza; a da poesia, que açucarava os corações portugueses, acabou colaborando para a fraqueza de serem inertes às crueldades que o regime alojou.

A memória dos idosos traz: “fomos sempre um povo de caminhos salgados. ainda somos um povo de caminhos salgados. isto é coisa para nos amargar o sangue e nunca mais nos permitir a leveza destas cenas” (idem, p. 205), a ilusão de estar em um lugar superior ao estado anterior (de censura), através da voz do Silva da Europa, reconhecemos o que sentem alguns portugueses ao recapitularem a sua história, como eles foram e são representados.

Foi, portanto uma doença que atingiu o Sr. Silva, pois podemos perceber, com a cena final do livro, que mesmo ele acreditando nos homens em quem deve depositar sua esperança, resta-lhe a angústia. A doença da angústia por saber que não aprendemos nada, por não sabermos que a liberdade é algo que se exerce, algo constante a se buscar.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos do pressuposto de que literatura e filosofia se entrecruzam por meio de seus discursos e temas a ponto de possuírem um espaço limítrofe entre duas possibilidades de se escrever e pensar o mundo e o ser. O olhar aqui realizado não pretende fixar amarras dos conceitos filosóficos à obra literária, mas sim utilizá-los como base para potencializar as reflexões em torno dos sentimentos recorrentes na narrativa.

Sobre o remorso, buscamos entender a concepção de Valter Hugo Mãe implícita à obra, ao conceber este sentimento e configurá-lo no texto, marcadamente através do personagem portador do remorso, o Sr. Silva. Desse modo, pensar quais os caminhos trilhados por essa dor que é interpretada e experienciada através da linguagem e parte de um arrependimento fruto de um senso ético, em outras palavras, a culpa que nasce de uma perspectiva individual de justiça, constituiu o primeiro movimento analítico.

O ressentimento do personagem nos levou a pensar sua relação com a memória e o esquecimento, e também com a modernidade. O ressentimento que aflora a partir de uma subordinação a um estado vigente; a franqueza e o medo de nos contrapor às regras postas por esse estado, acaba por prometer vingança a tudo que foi perdido, vingança como meio de reparar a injustiça, uma reação à desumanidade.

O sufocamento de experiências passadas traz uma bagagem de sentimentos pesados, e foi sobre estes sentimentos, foi pensando em como eles aconteceram e o que eles causaram no Sr. Silva, que realizamos um olhar sobre estas mágoas. Tanto o remorso quanto o ressentimento definem-se por uma continuidade da dor e rancor, ambos partindo de um tempo passado que recai no presente e de um intuito pedagogizante em ensinar a não sofrermos e nem amargurarmos, uma vez que esses sentimentos não são criativos e pulsionais.

A possibilidade de entender sentimentos particulares ao humano por meio do texto literário foi o fulcro desta pesquisa, em que possuindo seu estilo próprio de fazer filosofia, o autor elaborou na linguagem sua própria compreensão dos sentimentos e da existência. À vista disso, nosso trabalho teve na literatura sua fundamentação, os aspectos estéticos e os simbólicos formam um todo enunciativo que trouxe camadas textuais e extratextuais pelo jogo metafórico presente na obra.



## ABSTRACT

The present work aims to analyze and interpret discursive strata pertaining to the issue remorse and resentment in *A máquina de fazer espanhóis*, of writer african-lusitanian Valter Hugo Mãe, based on the relations established between literary discourse and philosophical discourse, especially in as regards the existential issues. We seek to understand how this narrative sets tissues metaphorize remorse feeling, emotion attached to the guilt felt by the narrator-protagonist, Mr. Silva, character upon whom our gaze focuses. We also seek to interpret the metaphors of resentment, feeling applicant not only in philosophical texts, but also on historical and political texts. This analysis is significant both for the richness of literary work-study object, as the hermeneutic existential journey that unfolds, making surfacing reflections on questions of a philosophical nature, and fictional woven pluridiscursivamente that enable subjectivities and sensibilities translate well common to the contemporary human world. This research, of bibliographic nature, relies on the contributions of Mikhail Bakhtin (2011) and Dominique Maingueneau (2006), with regard to the theory of literary discourse, in Paul Ricoeur (2005), the nature, setting and interpretation of literary text, and finally borrows from Maria Rita Kehl (2004) and Friedrich Nietzsche (2009) concepts related to topics addressed in this study, with a view escavar senses in the tissues of the novel through a productive interdiscursivity between literature and philosophy, pointing the literary text as a metaphorical and philosophical limbo.

**KEYWORDS:** Literature. Philosophy. Interdiscursivity. Remorse. Resentment.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Ressentimento. Trad. Alfredo Bosi. In: **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 1010.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. FIORIN, José Luiz. (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FIORIN, José Luís. O dialogismo. In: **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006, p. 18-59.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: **Bakhtin: outros conceitos-chaves**. BETH, Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-193.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MÃE, Valter Hugo. **o remorso de baltazar serapião**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

\_\_\_\_\_ **a máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

\_\_\_\_\_ **o nosso reino**. São Paulo: Ed. 34, 2012.

\_\_\_\_\_ **apocalipse dos trabalhadores**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese do Discurso**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral, uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo/SP: Ed. Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Trad. Artur Morão. Biblioteca de filosofia contemporânea. Lisboa: Edição 70, 2005.

ROSENFELD, Anatol. A crise da democracia. In: **Texto e Contexto II**. São Paulo, Campinas: Edusp, 1993.

SILVA, Eli Brandão da. Deuses tecidos na metáfora: Jesus Severino no palimpsesto cabralino. In: **Litteratheos: deuses na metáfora**. Campina Grande: Ed. Do Livro Rápido, 2007, p. 9-69.